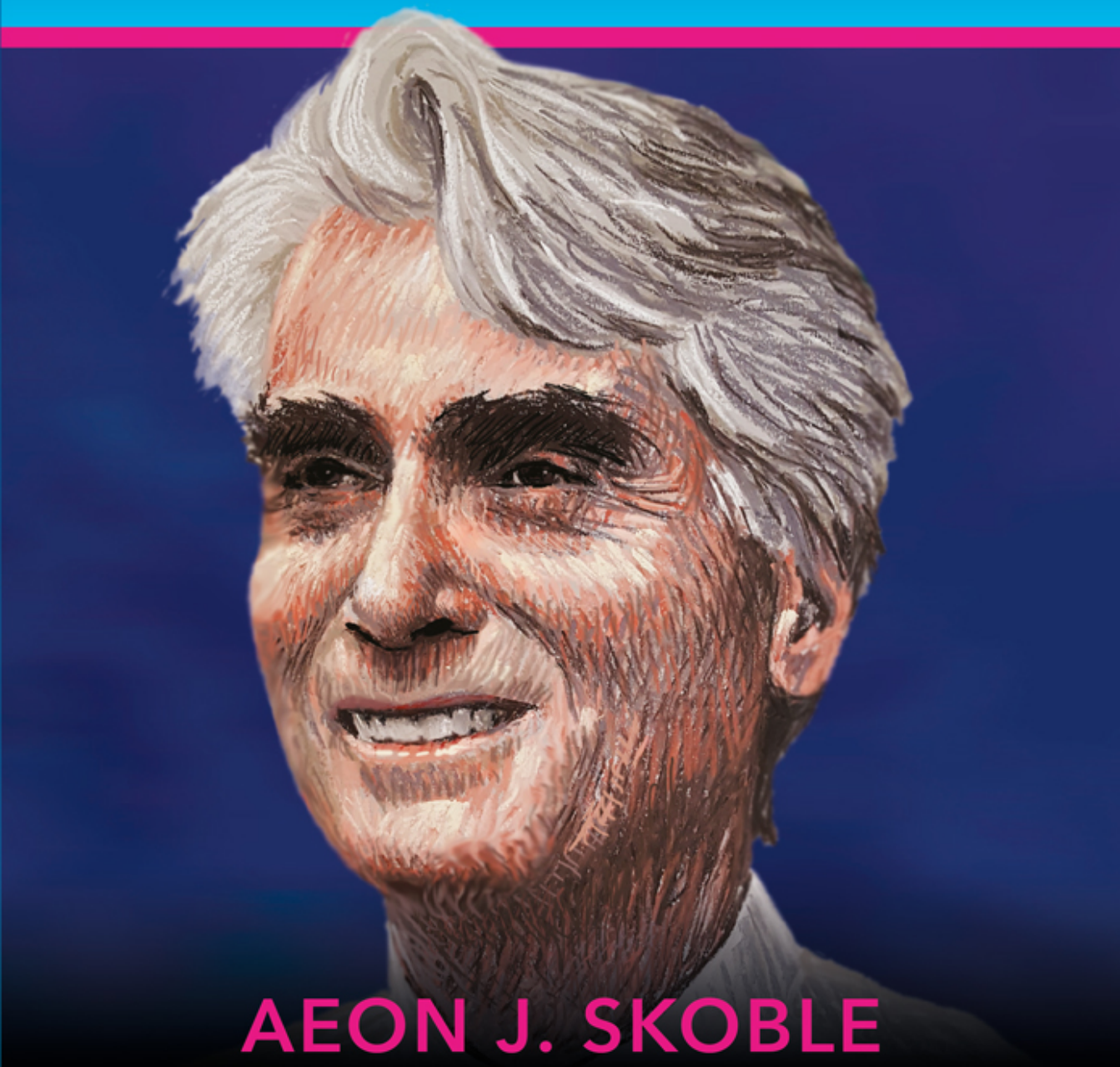
O ESSENCIAL DE ROBERT NOZICK



AEON J. SKOBLE

AVIS RARA

FRASER INSTITUTE

CONHEÇA OUTROS LIVROS DA SÉRIE:

POLÍTICA, IDEOLOGIA E CONSPIRAÇÕES

DESCULPE-ME, SOCIALISTA

MITOS E FALÁCIAS SOBRE A AMÉRICA LATINA

A LEI

MENOS ESTADO E MAIS LIBERDADE

OS ERROS FATAIS DO SOCIALISMO

DA LIBERDADE INDIVIDUAL E ECONÔMICA

OS FUNDAMENTOS DO CAPITALISMO

LIBERDADE É PROSPERIDADE – A FILOSOFIA DE AYN RAND

O ESSENCIAL DE MILTON FRIEDMAN

O ESSENCIAL DE JOSEPH SCHUMPETER

O ESSENCIAL DE JOHN LOCKE

AEON J. SKOBLE

O ESSENCIAL DE ROBERT NOZICK

Tradução:

MATHEUS PACCINI

AVIS RARA

Introdução

Quem é Robert Nozick?

ROBERT NOZICK FOI PROFESSOR DE FILOSOFIA NA Universidade de Harvard. Embora tenha escrito a respeito de tópicos tão variados como epistemologia, livre-arbítrio, teoria da decisão e o sentido da vida, é mais famoso por sua contribuição para a filosofia política, principalmente pelo livro *Anarquia, Estado e Utopia* (1974). Publicado apenas alguns anos depois de *Uma Teoria da Justiça*, de autoria do seu colega de Harvard, John Rawls, o livro de Nozick ajudou a consolidar

a filosofia política normativa na tradição analítica anglo-americana como um campo legítimo e robusto dentro da filosofia acadêmica. Além disso, ajudou a estabelecer a perspectiva liberal clássica ou libertária como uma alternativa viável ao liberalismo igualitário redistributivo e ao socialismo. Nozick não foi o primeiro ou o único filósofo a argumentar em prol dessa perspectiva, porém foi o mais famoso a fazê-lo, e na instituição mais renomada, sendo o seu livro normalmente considerado abrangente e bem fundamentado. Elogios por seu estilo claro e acessível de escrita atravessaram as fronteiras ideológicas, e ele acabou vencendo o *National Book Award* em 1975.

Nozick nasceu no Brooklyn, Nova York, em 1938, e obteve seu diploma de graduação na Universidade Columbia em 1959. Ao longo de sua graduação, foi ativo no movimento político socialista, mas, no decorrer do seu período em Columbia e na pós-graduação em Princeton, teve contato com uma variedade de perspectivas políticas, o que o fez observar, no prefácio de *Anarquia, Estado e Utopia,* que as discussões com amigos "fizeram-me levar mais a sério as ideias libertárias a ponto de querer refutá-las e, desse modo, a me aprofundar no assunto" (p. xvi)*. De modo geral, isso incluiria ideias como direitos individuais, a necessidade de estipular limites ao poder do

* O livro Anarchy, State, and Utopia possui uma tradução recente para o português, publicada pela editora WMF Martins Fontes (2011), sob o nome de Anarquia, Estado e Utopia. Todas as citações presentes neste livro foram retiradas dessa tradução, embora tenham sido modificadas, corrigidas e/ou atualizadas em alguns pontos. Por isso, o número de página que acompanha a citação se refere à obra original, e não à tradução.

governo, e os mecanismos de crescimento de riqueza de um sistema de livre mercado.

É improvável que aquilo que conhecemos hoje como libertarismo tivesse aparecido em um currículo padrão de Filosofia na época em que Nozick era aluno, a não ser no contexto histórico das obras de John Locke e John Stuart Mill. No entanto, as ideias libertárias estavam sendo discutidas nos departamentos de economia, e Nozick diz ter sido exposto a pensadores como Ludwig von Mises, Friedrich Hayek, Milton Friedman e Murray Rothbard, cujo liberalismo econômico dialogava com o liberalismo político. O outro lugar em que um aluno da geração de Nozick teria tido contato com o que hoje chamamos de política libertária era nas obras da romancista e filósofa Ayn Rand, embora Nozick não se considerasse um randiano. Contudo, na filosofia acadêmica, não existia nenhum representante significativo da tradição liberal clássica durante a sua época de aluno.

Mas tudo mudou com *Anarquia, Estado e Utopia*. Apesar de muitos filósofos discordarem dos argumentos de Nozick, estes não poderiam ser ignorados. Mais ou menos na mesma época das primeiras publicações de Nozick, outros filósofos libertários também surgiram, notavelmente John Hospers e Tibor Machan, porém nenhum destes teve a mesma proeminência ou influência que ele. Concorde ou não, *Anarquia, Estado e Utopia* propõe argumentos instigantes que não podem ser facilmente refutados. Uma olhada rápida nas notas e na bibliografia é bastante instrutiva: Nozick era fluente em economia e sociologia. Nomes familiares para economistas, como Coase, Alchian, Schelling e Sen, participam do diálogo criado por

Nozick. Em particular, Rothbard conduzira a economia de livre mercado ao que entendia ser a sua conclusão lógica: o anarquismo individualista libertário. Nozick cita especificamente uma discussão com Rothbard em 1968 como tendo "estimulado o meu interesse na teoria anarquista individualista" (p. xv). Todo o seu conhecimento em filosofia e ciências sociais o levou a uma série de conclusões sobre o assunto, e também à escrita de *Anarquia, Estado e Utopia*. O fato de alguém outrora ativo na política socialista migrar para um trabalho acadêmico crítico do socialismo não deveria ser nenhuma surpresa, se entendermos que filosofia não é dogmatismo. Ele perseguia as ideias onde elas o levavam e, às vezes, isso significava chegar a conclusões que estavam em discordância com aquilo em que ele acreditava.

As conclusões de Nozick não são simplesmente distintas do que ele costumava pensar, é claro; eram contrárias ao que a maioria das pessoas pensava em 1974 (e, de fato, ao que muitos pensam até hoje). É normal que os filósofos cheguem a conclusões estranhas para muitas pessoas. Isso se aplica a quase todos os filósofos conhecidos, mas, na filosofia política, existe uma dimensão adicional: enquanto boa parte das pessoas não tem opiniões firmes sobre metafísica e epistemologia, a maioria costuma ter sobre política. Nozick sabia disso, e queria evitar qualquer sugestão de que o seu livro fosse polêmico: "minha insistência em conclusões que contrariam as crenças da maioria dos leitores pode levar alguém a pensar, erroneamente, que este livro é um tipo de tratado político. Não é. Trata-se de uma exploração filosófica de questões, algumas delas fascinantes

por si mesmas, que surgem e se interconectam quando refletimos sobre os direitos individuais e o Estado" (p. xii).

Nozick viria a escrever outros cinco livros, nenhum especialmente focado em filosofia política. Isso levou a especulações de que teria abandonado o libertarismo. No entanto, em entrevistas nos anos seguintes, deixou claro que ainda se considerava um libertário, e que apenas desejara explorar outras áreas da filosofia em vez de revisitar o mesmo campo. "Nunca deixei de lado [o rótulo de "libertário"]. O que eu disse em *The Examined Life* foi que não era mais o libertário *hardcore* de antes. Contudo, os rumores do meu afastamento (ou apostasia!) do libertarismo foram muito exagerados. Penso que este livro deixa claro que ainda me enquadro no contexto geral do libertarismo."* E, de fato, ele destaca no prefácio de *Anarquia, Estado e Utopia* a sua esperança de que outros façam os mesmos tipos de perguntas (p. xiv). Nozick foi diagnosticado com câncer de estômago em 1994, mas seguiu trabalhando até falecer em 2002, na idade relativamente jovem de 63 anos. O último livro de Nozick, *Invariances*, foi publicado em 2001. Ele tinha sido um Fulbright Scholar em Oxford, presidente da American Philosophical Association e um *Pellegrino University Professor* em Harvard, seu máximo título honorífico.

O que proponho neste livro faz parte da série Fraser Institute's Essential Scholars, na qual as ideias-chave de pensadores importantes na tradição liberal clássica são explicadas para o leitor comum e, principalmente, para estudantes que gostariam

* Entrevista com Julian Sanchez, em 26 de julho de 2001. Disponível em: <http://www.juliansanchez.com/ an-interview-with-robert-nozick-july-26-2001/>.

de saber mais sobre esses argumentos. Com tal propósito em mente, esforcei-me para explicar as ideias e argumentos mais importantes de Nozick. Minha principal expectativa é ser de alguma utilidade, mas a minha esperança secreta é que você vá em frente e pegue uma cópia de *Anarquia, Estado e Utopia.* Todas as citações remetem às páginas do livro. Sou grato pelos comentários construtivos de James Stacey Taylor e Donald Boudreaux.

Capítulo 1

Teoria dos Direitos

NOZICK COMEÇA *ANARQUIA, ESTADO E UTOPIA* AFIRmando que "os indivíduos têm direitos, e há coisas que nenhuma pessoa ou grupo pode fazer contra eles (sem violar seus direitos)" (p. IX). Críticos descuidados às vezes entendem que isso significa que Nozick simplesmente pressupõe a existência de direitos e, então, prossegue a partir daí, mas que não tem argumentos para defendê-los: estes não aparecem até o terceiro capítulo do livro, mas estão lá. Ele entende direitos como "restrições indiretas sobre o que podemos fazer" (p. 33). Se fôssemos os únicos habitantes da Terra, seríamos livres para fazer o que quiséssemos, restringidos apenas pelas leis da física. A moralidade entra em cena quando consideramos nossas interações com os outros. Por isso, a existência de outras pessoas cria limites sobre nossas ações que não são os mesmos

impostos pela física. Mesmo que não existissem outras pessoas, não sou livre para negar as leis da gravidade ou da inércia, ou estar em dois lugares ao mesmo tempo. Essas também são restrições à minha ação. As restrições morais são coisas que eu *poderia* fazer, porém seria *errado*. Dizer "não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo" e "não posso matar o Alberto" são gramaticalmente similares, mas têm significados muito distintos: eu, fisicamente, *poderia* matar alguém, mas seria errado se o fizesse. Então, direitos são um conceito moral que estabelece as condições limítrofes da ação *justificada* (em oposição às condições limítrofes da ação fisicamente possível). Os direitos de Luís são, então, condições limítrofes às ações de João.

Para Nozick, esse modelo de restrições indiretas baseia-se "no fato de nossas existências independentes" (p. 33). Na qualidade de indivíduos diferentes com suas próprias vidas, ninguém poderia naturalmente ter algum direito sobre a vida de outrem. Indivíduos não devem ser considerados como meios para os fins dos outros; eles são fins em si próprios. Por exemplo, um martelo é um instrumento que existe para ajudar as pessoas a fazerem coisas; não tem sua própria razão independente de existir além de servir a essa função. Não existe para seus próprios fins. No entanto, as pessoas existem — são fins em si mesmas, não meios para os fins dos outros. "Indivíduos são invioláveis" porque cada um deles é uma pessoa com sua própria vida. Então, é o fato de que "existem indivíduos diferentes com vidas independentes" que produz a restrição indireta de que ninguém tem o direito de usar o outro como um instrumento. Usar uma pessoa como meio para os fins de outra "não respeita suficientemente ou leva em conta o fato de que

ela é uma pessoa separada, e que essa é a única vida que ela tem". Então, os direitos de uma pessoa são apenas o inverso das restrições das outras: que João é moralmente compelido a respeitar a pessoa de Luís e, portanto, não pode agir sobre ele sem o seu consentimento, implica que Luís tem o direito de não ser usado dessa forma. Como Nozick considera os direitos como condições limítrofes sobre o tratamento possível dos outros, ele argumenta que negar essa concepção de direitos significaria rejeitar toda a moralidade — ninguém tem qualquer tipo de restrições sobre como pode tratar os outros — ou rejeitar a ideia da realidade da singularidade de cada pessoa.

O utilitarismo é uma escola de pensamento que tenderia a rejeitar essa concepção de direitos, pois entende que o moralmente importante é a utilidade total agregada (entendida como prazer ou felicidade). Para os utilitaristas, não existem restrições sobre o tratamento permissível aos outros *per se*, porém a bondade total atingida deve compensar o mal. De acordo com essa teoria, não faria sentido falar da inviolabilidade das pessoas, já que podemos facilmente conceber situações em que sacrificar uma pessoa beneficiaria muitas outras. Portanto, Nozick responde de maneira direta ao utilitarismo, afirmando que gera resultados completamente contraintuitivos. Como o utilitarismo calcula a utilidade de forma subjetiva, podemos imaginar um "monstro de utilidade" que "obtém ganhos imensamente maiores em utilidade de qualquer sacrifício dos demais do que estes perdem" (p. 41). Isso tornaria moralmente necessário sacrificar todas as pessoas ao monstro a fim de maximizar a utilidade total. Além disso, ignorar nossas intuições a respeito da dignidade

humana de todas as pessoas tornaria a teoria autodestrutiva; implausível no mínimo, se não internamente inconsistente.

Nozick adiciona que tampouco funcionará pensar em termos de quantidades agregadas de respeito pelas pessoas, de modo que respeitamos os direitos de algum grande grupo à custa de não tratar outro grupo de pessoas como invioláveis. Em vez disso, cada indivíduo deve ser considerado como um fim e não como um meio, e ninguém deveria ser usado como um instrumento para os propósitos dos outros. Ele dá o exemplo de violar os direitos de um inocente para evitar uma revolta que em si geraria muitas violações de direitos. Argumenta que isso é interpretar mal o ponto das restrições indiretas. Não é como se descobríssemos os direitos dos outros enquanto avaliamos estados finais em que os direitos de alguns são priorizados à custa dos direitos de outros; em lugar disso, os direitos dos outros *determinam* como você pode tratá-los. De outra forma, não são restrições morais indiretas.

Em última instância, Nozick argumenta que podemos basear a inviolabilidade das pessoas na capacidade humana de autodireção. "Modelar a vida de acordo com algum plano global é a maneira de uma pessoa dar significado à vida; só um ser com capacidade para modelar assim sua vida pode ter, ou esforçar-se para ter, uma vida dotada de significação" (p. 50). Então, é a nossa capacidade de formular planos de vida e agir sobre eles que as restrições indiretas morais protegem. É por isso que reconhecer a realidade das outras pessoas implica a inadmissibilidade de usá-las como meio para os fins de outras. No mínimo, deveríamos entender isso como uma implicação da

nossa própria inviolabilidade, e é necessário apenas um pouco de maturidade para ver por que isso deve ser estendido aos outros.

Então, o argumento proposto na primeira página do prefácio de *Anarquia, Estado e Utopia* não é desprovido de fundamento: as pessoas têm direitos no que diz respeito à sua condição como seres humanos individuais distintos, com capacidade de autodireção, e isso significa que algumas coisas que uma pessoa pode fazer a outra estariam violando esses direitos, os quais, embora fisicamente possíveis, são moralmente inadmissíveis. A conexão entre "direitos" como um conceito moral e "direitos" como um conceito político é encontrada na observação de Nozick de que grupos de pessoas não podem estar moralmente justificados a fazer algo que as pessoas que formam o grupo não estejam justificadas a fazê-lo. Ou seja, se Luís não está moralmente justificado a violar os direitos de João, então o grande grupo do qual Luís é membro (ou líder) também não está moralmente justificado a violar os direitos de João. Embora seja verdade que um indivíduo possa sacrificar algo em prol de seu próprio bem maior (digamos, faltar a uma festa para estudar para uma prova importante), "não há *entidade social* com um bem que suporte algum sacrifício para seu próprio bem. Há apenas pessoas individuais, pessoas diferentes, com suas vidas individuais próprias. Usar uma dessas pessoas em benefício das outras implica usá-la e beneficiar os demais" (pp. 32-33). Indivíduos agindo em conjunto não podem ter justificativas para fazer algo que não poderiam moralmente fazer por conta própria. Então, os direitos que as pessoas têm como restrições morais indiretas contra a predação de outras acabarão sendo os direitos que delineiam o escopo apropriado do governo.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR

CAMPANHA

FiqueSabendo

Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!

FARO EDITORIAL

ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
EM JANEIRO DE 2022